



Reconstruindo um sonho

CRYS CARVALHO



Reconstruindo um sonho

CRYS CARVALHO

1ª Edição

2020

Copyright © Crys Carvalho

Revisão: **Bárbara Pinheiro**

Leitura Crítica: **Danielle Barreto**

Edição Digital: **Criativa TI**

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a Autora](#)

Playlist

Ouçá a playlist de “Reconstruindo um sonho” no Spotify, abra o app no seu celular, selecione “buscar”, clique na câmera e posicione sobre o code abaixo.



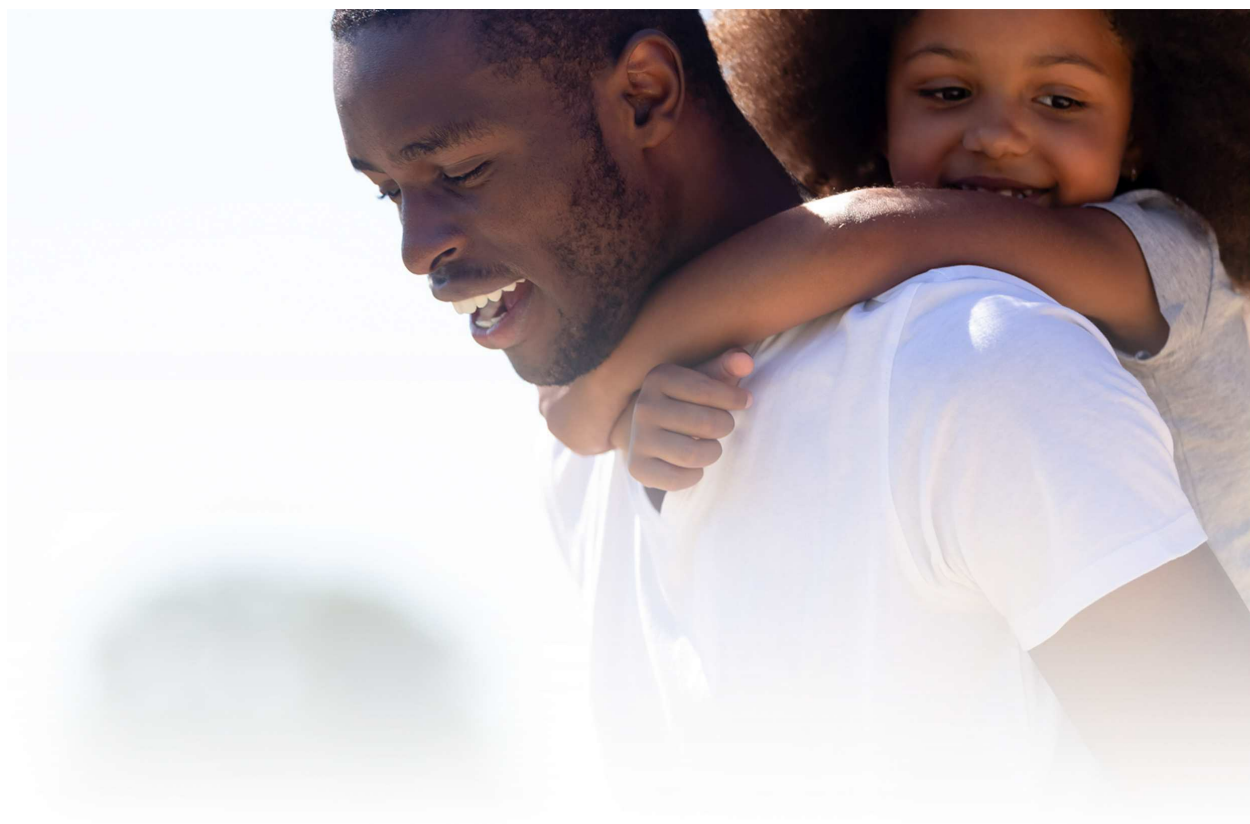
Sinopse

Davi se apaixonou perdidamente na juventude e sonhava construir uma família ao lado de Adriana, no entanto, esse amor acabou o destruindo.

Agora, dez anos depois, precisa retornar à cidade onde tudo começou para acertar as contas com o seu passado e descobre que seguiu sua vida baseado em mentiras.

Decidido a reconstruir uma parte do seu sonho, ele vai tentar conquistar o amor de uma criança que sequer o reconhece como pai.

Uma trama leve, com uma pitada de drama e muitas lições a serem aprendidas. Mostrando que, às vezes, na vida precisamos esquecer o passado e reescrever a sua história.



Capítulo 1

Paro de frente à escola, observando as crianças uniformizadas saírem como em um estouro de boiada, aperto o envelope nas mãos com a esperança de que as palavras contidas ali não passem de mentiras bem contadas para que eu me sinta culpado por ter ido embora, anos atrás, com tanto ódio no peito, sem ao menos me despedir dos meus amigos ou dela.

Encosto-me ao muro. Talvez eu seja o grandessíssimo idiota que todos por aqui acreditam ou tenha a minha própria versão dos fatos, uma que ninguém quis parar para escutar, assim como eu não quis fazer. Estou distraído em meus pensamentos, quando um garoto negro com cabelos cacheados bem cuidados chama a minha atenção, há algo familiar em seu rosto e sinto o coração acelerar em expectativa.

A vida tem um jeito estranho de esfregar em nossa cara os erros que cometemos, constato, no momento que uma mulher loira, vestida de forma elegante, alcança o menino que a olha um pouco chateado por não poder acompanhar seus colegas na brincadeira que estavam entretidos.

É possível que um coração despedaçado ainda bata desesperado pelo seu algoz? Provavelmente, sim.

Meu cérebro emite alertas para uma saída imediata deste lugar, no entanto, o coração implora que fique e encare as consequências da minha impulsividade. A mulher diz alguma coisa para o garoto e ri, descontraída, fazendo tudo vibrar em mim. As coisas entre nós poderiam ser mais simples, entretanto, o papel amassado que carrego comigo, diz em poucas palavras que fui um completo babaca e, no lugar dela, jamais perdoaria uma pessoa

capaz de fazer o que eu fiz.

Encaro o menino por algum tempo, até eles entrarem no carro estacionado na esquina. Como pude ser tão idiota e acreditar que o passado não era importante? *Eu tenho um filho, porra!* Massageio a têmpora, sentindo a cabeça latejar com a conclusão.

“*Você precisa me escutar, Davi!*” Ainda posso ouvir Adriana implorando ao telefone.

“*Não, não tenho.*” Como pude acreditar tanto tempo em uma mentira tão mal contada?

“*Por favor, amor.*” A voz rasgada quase me fez desistir da minha decisão, no entanto, eu estava extremamente magoado com o que achava que ela havia feito e, por isso, desliguei o aparelho, o arremessando contra a parede de concreto do meu quarto.

Tinha acabado de passar em um concurso público em outro estado, a intenção era construir uma vida ao lado dessa mulher, mesmo com tudo indo contra nós. Não me importava se minha mãe achasse que um negro pobre não devia se meter com uma branca classe média, muito menos, seus pais não me acharem a melhor escolha para a filha com um futuro brilhante. Tudo que interessava era o quão bons éramos juntos, o amor que sentíamos e os nossos planos, aqueles pisoteados por ela, provando que no fundo a minha mãe estava certa e eu era só um brinquedinho descartável em suas mãos.

Balanço a cabeça, irritado, por dez anos inteiros acreditei veemente ter sido traído pela mulher que havia jurado a mim um amor eterno, esse tempo todo pensei que o filho dela era fruto de sua traição e, por isso, me recusei a obter qualquer informação sobre sua vida nos últimos anos. Não havia necessidade de saber o quanto ela era feliz sem mim e que a minha vida

sem ela era uma droga, por mais que eu me esforçasse para fingir o contrário.

Dediquei a última década aos estudos e a carreira, sentia necessidade de provar a todos que duvidaram do meu potencial o quanto seus pensamentos foram equivocados. Confesso que por um tempo acreditei que ter um bom emprego e dois diplomas seriam o suficiente para preencher o vazio que Adriana deixou, porém, não foi isso que aconteceu.

Perco-me em pensamentos, por um momento, e quando dou por mim eles se foram, preciso voltar ao hospital onde a pessoa que mais me magoou nesta vida luta para manter seu coração batendo. Caminho a passos lentos pela rua movimentada, esbarrando em algumas pessoas que passam por mim.

Foi um erro vir à esta cidade, sei que sim, mas o telefonema há dois dias mudou todos os planos. Dona Valdinha, minha mãe, sofreu um AVC, e o único parente capaz de ser responsável por ela sou eu, o destino chega a ser irônico. No fim, o filho que tanto renegou, é o único capaz de ficar ao seu lado nesse momento tão complicado.

Chego ao hospital, cumprimento a recepcionista e sigo até o quarto onde ela está. Através do vidro, encaro seu corpo fragilizado sobre a cama e sinto um nó na garganta. E a pergunta de um milhão de dólares se forma em meus pensamentos: *como você foi capaz disso?*

Ouçoo passos se aproximando e limpo as lágrimas, disfarçadamente.

— Ainda não houve alteração no quadro dela, Davi — Otávio diz, apertando meu ombro com a mão livre. — Sinto muito.

Em um passado bem distante, o homem — ostentando um jaleco branquíssimo cujo bordado diz: Otávio Mariano, Enfermeiro — foi meu melhor amigo, hoje não passamos de meros conhecidos, sem falar que não suporto o modo como seu olhar me julga, mesmo quando as palavras dele

parecem de conforto.

— Você a encontrou, Davi? — pergunta, hesitante, referindo-se à Adriana.

Apesar de acreditar que magoaria sua amiga, foi ele quem me deu o paradeiro dela mais cedo, não antes de passar um sermão sobre eu já ter feito a mulher sofrer muito. Acabei tendo que explicar sobre a maldita carta e só assim o convenci das minhas boas intenções.

— Sim... — respondo, de modo vago.

Não me sinto à vontade em admitir que a julguei mal todo esse tempo, nem estou pronto para perdoar aqueles que um dia foram meus colegas e não ficaram ao meu lado no momento mais difícil.

— Como foi? — pergunta, como se isso realmente o importasse.

— Não conversei com ela, se é isso que te importa — disparo, irritado, sei que sua preocupação nada tem a ver comigo.

— Os anos se passaram e *tu* continua o mesmo idiota de sempre — retruca, balançando a cabeça, com um sorriso sarcástico.

— Você não é meu amigo, Otávio — esclareço. — Não precisa ficar aqui fingindo que se importa. Fui um babaca, é o que todos aqui acreditam e, no fundo, acho tem razão.

Balanço a perna, chateado, dobrando o envelope e guardando na jaqueta jeans, não gosto que sintam pena de mim. Provavelmente, fosse melhor fingir que essa carta não mudou tudo e seguir minha vida sem revirar o passado.

— Preciso concordar que você é um babaca — ele ri, enquanto fala.
— Mas isso não precisa ser assim sempre, acho que nunca é tarde para

fazermos a coisa certa, Davi.

Seu tom reflexivo me chama atenção.

— Nunca pensei que fosse dizer isso, no entanto, cá estou eu te dando conselhos ao invés de pancadas, que é isso que você merece por tudo que fez. — Pelo seu tom, tenho certeza de que essa era realmente sua intenção, aliás o nosso primeiro encontro quando cheguei a este hospital não foi dos melhores. — Seu sonho era ser pai e isso foi tirado de você de uma forma muito mesquinha, acha que autopiedade vai te fazer recuperar todo o tempo perdido com o garoto?

— Não dá para ficar chorando pelo leite derramado, Otávio — retruco, sem empolgação. — O passado não pode ser reescrito.

— Acho que a vida pode ser reescrita, desde que você esteja disposto a corrigir os erros que cometeu — ele diz, sem me olhar. — Não dá para fugir o tempo todo. Você era um cara que sonhava em ter uma família e, talvez, essa seja a oportunidade que esperou esse tempo todo.

— As pessoas mudam... — Não tenho tanta certeza do que falo. — Meu sonho não é mais esse. Eu só quero ir embora e esquecer tudo.

— Ninguém muda tanto assim. — Desta vez ele me encara e seu tom é um pouco duro. — Encare seus problemas, acha que aquele garoto merece crescer sem conhecer o pai, só porque você é um imbecil e não enxerga um palmo à frente do nariz?

— Mas ele já viveu esse tempo...

— Pare, Davi! — Ele respira fundo e aperta os olhos com o indicador e o polegar. — Eu quis muito te bater quando foi embora e, agora, se *tu* continuar com essa merda, juro que esqueço qualquer laço de amizade

que tivemos e quebro essa tua cara.

Fico em silêncio um tempo, não tenho a menor ideia do que responder e, por fim, falo:

— Adriana nunca vai me perdoar pelo que eu fiz. — Deixo os ombros caírem. — O garoto não vai me aceitar, assim, de uma hora para outra, e eu sou covarde o suficiente para não querer enfrentá-los.

— Ambos têm suas razões para te querer longe. — Ele encosta os cotovelos nas coxas e encara o chão. — Acredita mesmo que o universo vai te dar outra oportunidade de corrigir isso? Davi, não vai ser fácil, mas você poderia ao menos tentar. — Sua mão aperta o meu joelho um pouco antes de ele levantar-se e ir embora, sem se despedir, deixando-me ser consumido pela culpa que sinto.

Provavelmente Otávio tenha razão, mas não sei se consigo me perdoar e enfrentar tudo aquilo que preciso. Retiro a carta do bolso e leio pela centésima vez, desde que a recebi das mãos de uma velha amiga de minha mãe, incumbida de me achar, caso algo acontecesse com a minha progenitora.

“Meu filho, sei que fui muito injusta com você a vida inteira, atribuo isso à criação que tive. De todos os meus quatro filhos, sempre soube que você era o único que teria um futuro brilhante, assim como sabia que nunca me abandonaria, apesar de tudo que lhe fiz.

Se está lendo esta carta, algo terrível se passou comigo e preciso contar-lhe o que fiz, mesmo envergonhada pela atitude mesquinha que tomei, anos atrás. Adriana nunca lhe traiu e o garoto é seu filho, aliás, precisa conhecê-lo. Alexandre é lindo. Conte algumas mentiras a você, por querer feri-lo e peço que me perdoe, para que minha alma possa descansar em paz.

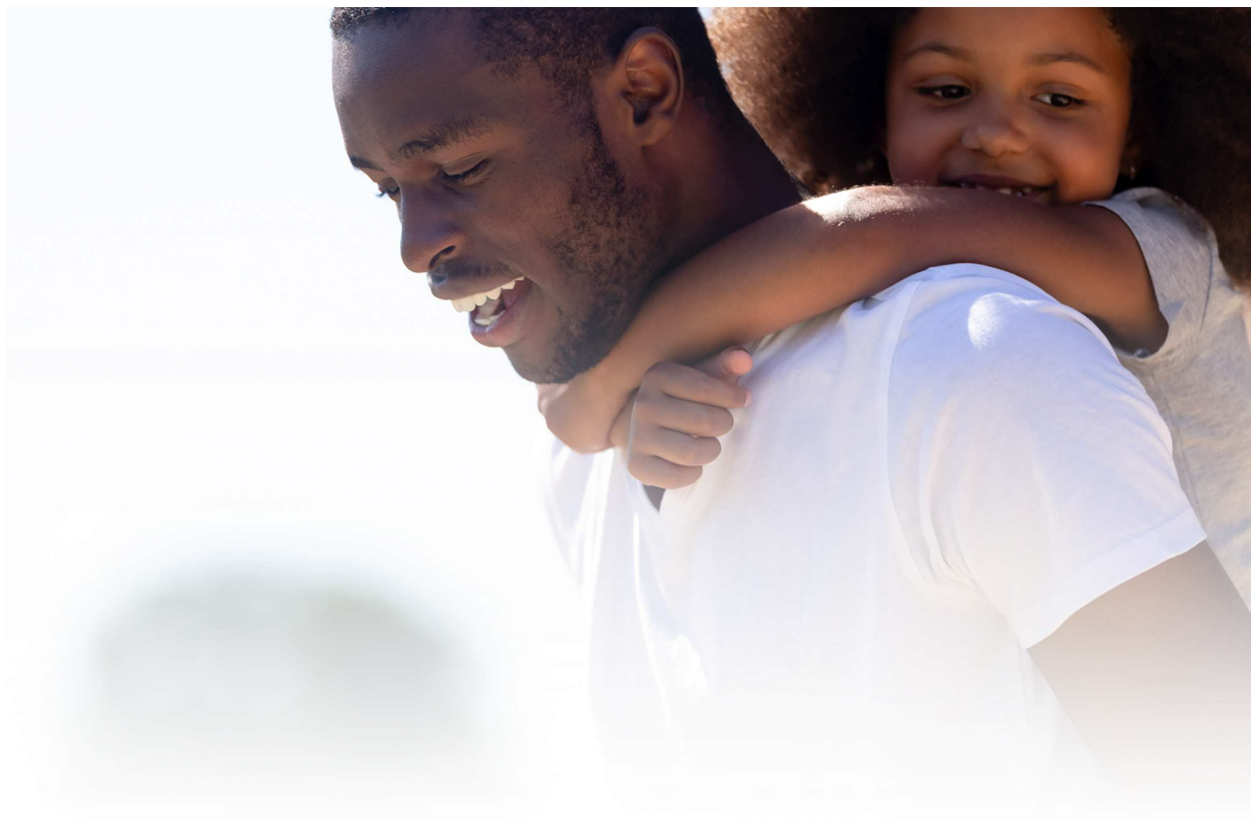
A razão de Adriana não o procurar mais depois daquela noite em

que você quebrou seu celular e decidiu que nunca mais voltaria a esta cidade, é porque também contei uma bela mentira a ela. Sua ex-namorada passou esse tempo todo acreditando que você não queria esse filho e havia lhe mandado dinheiro para fazer um aborto. Sinto muito!”

Paro de ler e massagueio o peito, sentindo a raiva subir a níveis estratosféricos, volto a atenção ao último parágrafo.

“Me perdoe, talvez parte de mim quisesse descontar na sua garota o que o seu pai fez comigo quando soube da sua existência em minha barriga, não foi justo. Espero que consiga me perdoar e possa conquistar o amor do seu filho.”

Limpo as lágrimas que brotam em meus olhos, como eu pude ser tão burro? Por que acreditei naquelas malditas fotos? Devia ter dado à Adriana uma chance de se explicar... Agora, acho que é muito tarde para arrependimentos e não sei se vale a pena lutar para preencher o vazio que sinto no peito.



Capítulo 2

O céu está nublado, aparentemente, nem o sol se dignou a aparecer em um dia de merda feito este. Encaro os coveiros descendo o caixão, a amiga de minha mãe limpa algumas lágrimas, mas eu não consigo chorar, apesar de me sentir estranho.

Dona Valdinha não era a melhor pessoa do mundo e, olhando em volta, percebo que não gostaria de acabar como ela. Um enterro onde apenas um de seus quatro filhos está presente, os outros estão ocupados demais para se deslocarem até aqui, duas vizinhas e uma amiga de longa data. Ela não criou raízes, não fez questão e acabou passando isso de modo indireto para mim e meus irmãos mais novos.

Quando os homens terminam de colocar a terra sobre o caixão e fico vagando entre as ruas cheias de pessoas que tiveram suas histórias interrompidas. Sento-me na lápide de mármore próxima a uma mangueira frondosa, será que o corpo repousando aqui conseguiu resolver todas as suas pendências ou tiveram a sorte da minha mãe?

Enfio os dedos nos cabelos, puxando-os como se isso fosse me ajudar a decidir o que devo ou não fazer. Desde a conversa com Otávio no hospital, tenho cogitado a possibilidade de ir atrás de Adriana, implorar por uma chance para conversarmos e pôr os pingos nos “is”. Cheguei à conclusão de que preciso ao menos conhecer o meu filho, apesar de tudo, ele não tem culpa dos meus erros.

Investiguei a vida da minha ex como pude nos últimos dias, entre as idas e vindas do hospital. Ela se casou com o rapaz com quem achei que

estivesse me traindo e se separaram há dois anos, mas tem uma relação amigável, eles tiveram um filho também e, pelo que soube, o homem criou o enteado como se fosse dele, isso me causa uma coisa estranha no peito.

Volto para casa e não tenho a menor ideia do que fazer com as coisas da mulher que acabou seus dias sozinha. Entro no antigo quarto que dividi por anos com os meus irmãos, as paredes ameaçam sufocar-me, elas são testemunhas da vida de bosta que tive neste lugar, derrubo as caixas que estão em cima da cômoda de madeira num acesso de fúria.

— Droga! Droga! Droga! — grito, puxando os botões da camisa com força.

“Você é um fardo, na minha vida!”

“Eu não tenho tempo para isso.”

Chuto o pé da cama e solto um urro de dor, caio sentado no chão de piso queimado, as lágrimas vêm com tudo. Choro pelas mentiras, pela dor, pelo sofrimento e pela morte da minha mãe. Eu achei que era forte, mas não sou... Os soluços ecoam pelo quarto, abraço o meu próprio corpo e uma memória antiga volta a assombrar.

“Você precisa entender que seus irmãos são mais importantes, aqui.” O modo como mamãe fala me entristece. “Não adianta fazer essa cara.”

“Mas eles...” Tento argumentar.

“Cale-se! Eu poderia ter comprado para você também, se não me lembrasse tanto da raça ruim do seu pai.” Ela faz questão de me lembrar do homem que nem ao menos conheço.

Não me conformo com o fato de nunca ganhar presentes ou qualquer regalia que ela possa proporcionar. Às vezes, desejo não ter nascido, porque pareço um fardo que mamãe pretende abandonar a qualquer momento e vivo em um medo constante de que isso aconteça, tenho pesadelos terríveis com isso.

Encolho-me no sofá, abraçando as pernas, tentando não chorar, sob seu olhar duro, porque isso a deixaria ainda mais furiosa. Ela bufa e sei exatamente o que ela vai dizer, por isso mentalizo que minha realidade é outra.

“Eu deveria ter deixado você, quando tive a oportunidade. Já que sempre foi tão ingrato comigo.”

Mesmo que eu acredite que são da boca para fora, as palavras sempre doem. Juro que tento ser um bom filho, conquistar seu respeito e, agora, com doze anos, acho que nunca serei digno nem do seu olhar de pena. Isso dói demais, porque é como se ela me odiasse profundamente, só por ser quem sou.

É tão estranho, me sinto constantemente humilhado e diminuído, até quando ela parece de bom humor. Para os meus irmãos sinto que tem carinho, afago e amor. Há dias em que desejo tanto ser amado por ela, nem que seja um pouquinho, mas talvez esteja errado em querer isso, talvez ela tenha razão e eu não seja digno de um sentimento tão bonito quando o amor.

Ser amado é um direito que ela não me deu e ainda foi mesquinha o suficiente para afastar a pessoa que foi capaz de me amar com todas as minhas imperfeições, muito pior, mamãe fez com que eu odiasse a mulher que me mostrou o amor em sua forma mais pura.

— Eu só queria ser amado, mãe — esbravejo para o nada. — Por que tirou de mim esse direito? Por quê?

A resposta não vem, me deito no piso frio em posição fetal almejando, por um momento, que o tempo volte e eu possa fazer tudo absolutamente diferente, só que a vida não tem a *porra* de um botão de reset e não será possível consertar os meus erros tão facilmente. Adormeço em meio ao caos que me tornei desde que cheguei a esta maldita cidade cheia de lembranças dolorosas, tenho um sonho estranho, em que meu filho não aceita minha aproximação, e acordo, ofegante.

Recolho os itens espalhados pelo chão com o rompante que tive, paraliso quando recolho uma foto, o coração acelera desenfreado e a mente voa até o dia em questão.

“Eu amo você, Davi, não importa o que eles digam.” Adriana diz, deitada sobre meu peito nu.

“O que nós temos vai durar para sempre, gatinha.” Deslizo os dedos pelos cabelos caindo em cascata sobre seus ombros.

*“Se implicarem com a gente, eu fujo contigo na calada da...”
Capturo seus lábios interrompendo sua fala.*

*“Não se preocupe, gatinha, eles vão me aceitar, você vai ver.”
Minha voz soa muito convicta, pois ainda vou provar para todo mundo que duvidou da gente que o nosso amor vale a pena.*

Aperto a foto contra o peito, me dando conta de que as coisas espalhadas pelo chão são as lembranças que deixei para trás quando fui

embora. “Você é um covarde, Davi!” A voz no fundo da minha cabeça acusa, impiedosa. Recolho as cartas, cartões e outras fotos de maneira saudosa, ainda que eu negue, os sentimentos estão aqui.

As cartas falam sobre um amor que nem o tempo seria capaz de apagar, mas ele assim o fez. Contam sobre duas pessoas que seriam uma da outra para sempre e olha só onde viemos parar... Sento na beira da cama, olhando para nossa imagem em uma época em que fazíamos tantos planos impossíveis. Massageio o peito, sei que nunca vou tê-la de volta, mas talvez eu tenha a chance de lutar pelo amor do meu filho e não posso perder isso.

As palavras de Otávio ecoam na minha cabeça, o garoto sorrindo para a mãe invade meus pensamentos, olho para a carta de minha mãe que está jogada sobre a cama, com um sentimento novo crescendo em mim. Decido conversar com Adriana, pedir uma chance para me aproximar dele, afinal, fui eu quem nunca quis saber do fruto do nosso passado e, por mais que eu tema esse reencontro, preciso encará-lo.

Perco-me nas recordações ao olhar as fotos que encontrei, preciso admitir que nunca mais fui tão feliz como naqueles dias e, por fim, as coloco em uma caixa que levarei comigo. Está mais do que na hora de eu parar de negar a existência dela e do garoto.

Como qualquer coisa, abasteci a geladeira assim que cheguei, não tem nada saudável, mas mata a fome e, no fim, isso que importa. Tento ligar para os meus irmãos e nenhum deles atende, não tenho a menor ideia do que fazer com esta casa e tudo que há nela. Pela conversa que tivemos com a minha mãe, ainda no hospital, venderemos tudo e vamos dividir igualmente, todos nós temos péssimas lembranças desta casa.

Durmo um pouco mais tranquilo depois de decidir conhecer o garoto, o dia amanhece diferente do anterior e o sol resolveu brilhar

intensamente. Sinto uma euforia me tomar, preciso resolver algumas pendências com a funerária e pretendo me encontrar com Adriana, para isso conto com a ajuda de Otávio, que marcou um almoço com ela sem mencionar minha presença.

Chego ao restaurante na hora marcada, estou um tanto nervoso e fico pior quando vejo que ela já chegou. Tento controlar as emoções, que brigam entre si, e seguro a maldita carta firmemente, repassando o discurso que ensaiei para dizer à mulher que um dia foi dona do meu coração.

— Bom dia! — cumprimento, e vejo seu corpo retesar ao reconhecer a minha voz.

— O que está fazendo aqui, Davi? — Ela se levanta, um tanto esbaforida.

O ar fica mais denso quando nossos olhares se encontram, há uma expressão surpresa em seu rosto, mas a mágoa também está estampada por todo ele.

— Por favor, me escute Adriana — peço, em um tom contido, tentando não chamar atenção dos clientes à nossa volta.

— Não, sinto muito, mas não posso. — A mulher ameaça pegar a bolsa e coloco a mão por cima da sua.

— Só me ouve, depois você pode ir embora e nunca mais falar comigo — imploro, encarando-a, e seus olhos se desviam dos meus, sua mão é retirada da minha.

— Por que, depois de tantos anos, você quer mexer em velhas feridas? — ela indaga, sem me olhar.

— Eu sei que o Alexandre é meu filho. — Minha voz soa esquisita.

Adriana inclina a cabeça para trás e ri, em um gesto que demonstra sua mágoa mal disfarçada. Ela se senta, arqueia a sobrancelha, como quem diz: “continua, que estou ouvindo”, puxo a cadeira e me sento.

— Nossa, precisou passar esse tempo todo para finalmente você se dignar a me ouvir? — a mulher cospe as palavras. — O *seu* filho não precisa de um pai, Davi. Sabe por quê?

É uma pergunta retórica e ela mal dá tempo para que eu absorva.

— Nando foi muito mais homem que você e assumiu uma responsabilidade que era sua, no pior momento da minha vida. — Seus lábios tremem enquanto fala. — Eu estava grávida, Davi, e você me tirou o direito de defesa e simplesmente virou as costas para a garota que dizia amar e ainda exigiu que eu fizesse algo completamente fora dos meus princípios.

— Não foi exatamente isso... — a interrompo.

— Ainda não terminei. — Seus lábios tremem. — Deixe-me ver se entendi, você está aqui porque sua consciência pesou e precisa descobrir o que aconteceu com o filho que me mandou abortar? — Ela nem me dá o direito de resposta. — A resposta é não, Alex já tem um pai!

Suas palavras me ferem profundamente, mas no momento que decidi vir até aqui, estava ciente de que sua reação não seria das melhores.

— Não, eu sou o pai dele! — digo, decidido a assumir meu papel na vida do garoto.

— Eu nem vou entrar no mérito da questão e... — Adriana levanta, pegando sua bolsa. — Sua presença não é bem-vinda na vida dele, muito menos, na minha. Não esqueça que foi você quem escolheu não querer o nosso filho.

— Nunca disse isso... — retruco, e a vejo revirar os olhos.

— Volte ao buraco de onde saiu, Davi, e nos esqueça — finaliza, virando as costas e seguro seu braço.

Ela encara minha mão como se eu a estivesse machucando, quando, na verdade, não se trata disso.

— Fui um idiota, Adriana. — Ela ri, sarcástica. — Você tem todo direito de me odiar, mas não pode me punir por algo que não sou totalmente culpado. Eu quero conhecer o meu filho, por favor!

— Me dê apenas um motivo para acreditar em você — a mulher diz, um tanto desacreditada.

Tiro o envelope do bolso e estendo para ela.

— O que é isso? — pergunta, se recusando a tocar o papel. — Acha que vai me convencer com poemas adolescentes?

— É uma carta da minha mãe, por favor, leia. — Balanço o envelope e ela finalmente o segura. — Não precisa ser aqui e, se depois de ler, você ainda tiver a mesma opinião, prometo que vou embora.

Há um silêncio constrangedor entre nós, a mulher amassa o papel, ponderando suas opções e, por fim, o coloca dentro da bolsa.

— Tudo bem, Davi! — diz, sem nenhuma animação.

— Vou embora em dois dias, só vou resolver algumas questões sobre a morte da minha mãe. — A última frase a pega de surpresa. — Achei que já soubesse.

— Sinto muito! — diz, com um semblante mais suave.

— Obrigado! — agradeço, e quando ela faz menção de se retirar,

dou minha última cartada. — Caso decida me dar uma chance para conhecê-lo, estou na casa de minha mãe e posso ficar o tempo que for necessário, pelo meu filho.

Seu olhar não muda, ela se despede e simplesmente vai embora. Peço a comida, mas não a degusto, tudo tem um gosto amargo. Tem uma coisa que Adriana falou que fica martelando na minha cabeça.

“Não esqueça que foi você quem escolheu não querer o nosso filho.”

As mentiras de mamãe tiveram um efeito devastador em minha vida, porém, não posso culpar somente elas, tive a minha cota de *filhadaputagem* e preciso aprender a lidar com isso de forma madura. Os dias se arrastam, resolvo as pendências e, depois de conversar com Otávio, estou convencido de que a mulher não vai me dar nenhuma chance.

Meus irmãos decidiram doar os móveis e as roupas dela para uma instituição de caridade, quanto a casa iremos vendê-la e já deixei a responsabilidade nas mãos de um corretor de confiança. Fecho a mala com o coração apertado, é difícil se desprender do passado e sinto que estou fazendo muito mais que isso, pois não pretendo voltar aqui, mesmo sabendo que o garoto tem o meu sangue, não é justo que eu invada a sua vida dessa forma.

— Aqui está a chave, Sr. Manoel. — Entrego o chaveiro ao homem careca e barrigudo que está encostado ao portão.

— Podemos ir? — pergunta, arrastando a minha mala para fora do portão.

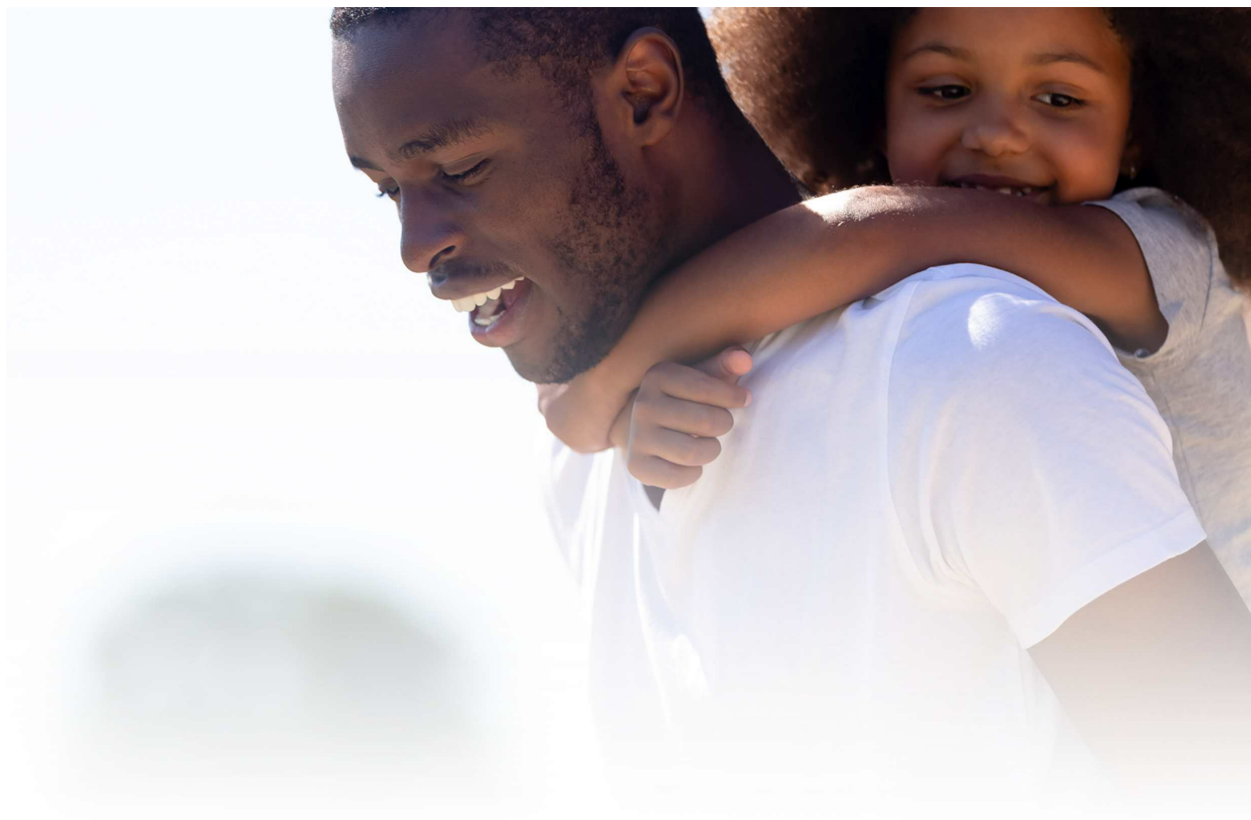
Olho uma última vez para a velha casa, sentindo um peso enorme no peito.

— Sim... — sussurro, mas o homem já está do lado de fora.

Ouçó vozes, provavelmente o homem deva estar conversando com dona Virginia, que é a fofoqueira da rua e dá conta da vida de todo mundo. Caminho até o portão aberto, tentando não pensar que perdi a oportunidade de conhecer o meu filho.

— Davi? — A voz conhecida faz o coração bater acelerado.

Adriana surge no portão, segurando a mão de Alex, ela tem um sorriso tímido no rosto e o garoto traz uma expressão fechada.



Capítulo 3

Não imaginei que as coisas seriam tão difíceis com o Alex, estou há quase um mês tentando uma aproximação e ele não parece aberto a ter um “novo pai”, como diz. Confesso que quando Adriana foi até a casa de minha mãe, achei que as coisas finalmente se encaixariam, mas na prática o perdão leva tempo.

Aquele dia desisti da viagem, consegui negociar uma licença de trabalho da qual tinha direito — que encerra esta semana — e fiquei para tentar reparar os erros do passado. A mãe dele deixou claro que nunca escondeu a verdade sobre quem era seu pai biológico, no entanto, deixou para o menino a escolha de vir ou não atrás de mim, quando fosse necessário, mesmo que isso a magoasse.

Tenho tentado uma aproximação do garoto, mas ele nunca parece interessado. Agora, cá estamos, na praça de alimentação do shopping, onde ele me olha, como se eu tivesse cometido algum pecado gravíssimo e talvez eu tenha mesmo.

— Por que quer ser meu pai? — Sua pergunta desconfiada me pega de surpresa.

Penso um pouco, essa questão vem tirando o meu sono desde que descobri ser realmente pai dele e, apesar de já ter uma resposta coerente para ela, demoro a formular um argumento convincente.

— Eu sempre quis ter um filho... — começo, mas ele interrompe.

— Então, qual o motivo de nunca ter me procurado antes? — O

rosto dele tem uma expressão dura ou o mais parecido disso que uma criança consegue.

— Olha, Alex...

— Apenas meus amigos me chamam assim, você não é meu amigo — ele diz, com um ar de superioridade, que me faz rir.

O garoto é genioso e de um modo estranho lembra muito a mim nessa fase da vida, no entanto, eu era revoltado com o universo e esse não parece ser o caso do meu filho. Adriana contou que ele é ótimo, uma criança falante, com opiniões próprias, fã dos super-heróis da Marvel, nas palavras dela, Alex é um filho exemplar.

— Ok! Alexandre, então — corrijo, e ele se arruma na cadeira, começando a sugar o canudo do milkshake de maneira ruidosa, como se quisesse me irritar. — Posso continuar?

Suspiro longamente, preciso ser paciente, mas são em momentos como este que me pergunto se desistir não é realmente uma opção, no entanto, tenho certeza de que, cedo ou tarde, o menino vai acabar cedendo e aceitando a minha posição em sua vida. Ele acena para que eu continue minha fala, abandonando o copo sobre a mesa.

— Olha, sei que deve ser estranho para você a minha presença na sua vida, mas, cara, me dá uma chance de provar que posso ser legal também... — O encaro e ele desvia os olhos. — As coisas entre nós não precisam ser assim, eu sempre quis ser pai, mas infelizmente a vida adulta acaba sendo turbulenta e não espero que entenda isso. O fato é que eu gostaria de uma oportunidade de te conhecer melhor... O que acha?

Ele parece pensar um pouco nas minhas palavras.

— Não preciso de outro pai! — diz, firmemente, e sinto uma pontada no peito.

— Podemos só ser amigos? — indago, me agarrando a qualquer oportunidade para fazer parte da vida dele.

— Talvez possamos ser amigos, Davi. — Ele descansa o queixo nas mãos. — Ainda não decidi se gosto de você.

— Essas coisas levam tempo — afirmo, piscando para Alex, e sentindo um certo alívio por finalmente ver uma luz no fim do túnel.

— Certo, mas não tente forçar nada. Não gosto de pessoas pegajosas, já basta a minha mãe — Alexandre dispara, como se fosse um homem feito, e contenho a vontade de sorrir.

— Sua mãe disse que você é fã dos heróis da Marvel. — Tento mudar de assunto, agora que ele parece mais disposto a conversar. — Qual o seu vingador preferido?

— Pantera negra — fala, de forma sucinta, comendo o restante da batata frita.

— Ah, ele é o meu preferido também. Você já viu o filme?

— Claro, meu pai me levou com o Benjamim, assim que saiu no cinema. — Ele menciona o homem que o criou e seu irmão mais novo, sem esconder o orgulho. — Você não precisa ficar me perguntando essas coisas, já podemos ir embora? Estou cansado e combinei com os meus amigos para jogar Fortnite mais tarde.

Não tenho a menor ideia do que ele está falando, ainda assim, me dou por vencido. Peço um carro pelo aplicativo e, enquanto aguardamos, ficamos em um silêncio constrangedor, que se prolonga durante todo o trajeto

até a sua casa, Adriana mal abre o portão e ele já some para dentro, sem se despedir.

— Como foi? — ela pergunta, um tanto sem jeito, arrumando as madeixas loiras atrás da orelha.

A beleza dela ainda é de tirar o fôlego, a mulher veste um short jeans que vai até o meio da coxa e uma regata folgada branca, ainda assim, ela não perde o ar elegante. Me concentro em responder seu questionamento.

— Avançamos um pouquinho. — Deixo transparecer a animação na voz.

— Entre, Davi — ela convida, indicando o portão aberto.

A casa não é enorme, já estive aqui duas ou três vezes nos últimos dias e sempre fico admirado com o fato de parecer realmente um lar. Caminho pela passarela, observando o pequeno jardim bem-cuidado cheio de flores coloridas e enfeites engraçados, Adriana segue ao meu lado, sem dizer nada. Ela indica o sofá, assim que entramos, e me sento.

— Quer tomar alguma coisa? — diz, sumindo pelo corredor, sem esperar realmente a minha resposta.

Este lugar tem aquela aura de aconchego, a decoração é alegre e cheia de vida, como a própria moradora parece ser. Há fotos espalhadas em porta-retratos dispostos nas paredes, momentos felizes deles, e me intriga o fato de ainda ter fotos do ex-marido por ali, fico pensando em como seria a nossa vida, caso as coisas tivessem acontecido como almejávamos.

— Por que você está com essa cara de bobo, Davi? — Uma voz infantil, curiosa, me tira das divagações.

— Oi, Ben — cumprimento o garoto loiro de cabelos extremamente

lisos e olhos castanhos. — Não estou com cara de bobo.

— Está, sim. — Ele ri, sentando-se ao meu lado. — Minha mãe fica assim também, às vezes... — Ben se aproxima, abaixando o tom de voz. — Eu a vi assim esta semana, quando estava olhando a caixinha secreta.

— Ben, o que eu disse a você sobre bisbilhotar minhas coisas? — Adriana brada, ainda do corredor.

O garoto faz uma careta engraçada, em seguida sua mãe surge com dois copos nas mãos, me oferecendo um deles.

— Suco de cupuaçu, ainda gosta? — pergunta, sob o olhar atendo de seu filho mais novo.

— Sim, claro. — Fico impressionado por ela lembrar.

— Filho, vai brincar com o seu irmão — ordena, e o menino bufa, deixando os ombros caírem.

— Mas ele já é grande, mamãe, e não gosta de brincar comigo, esqueceu? — justifica, como se a diferença entre eles fosse uns dez anos quando, na verdade, é apenas quatro.

— Pare de me enrolar — adverte, e ele a obedece a contragosto.

Foco em tomar o suco que ela me trouxe e o silêncio paira na sala, nossas conversas sempre giram em torno do nosso filho, apesar de sentir que ainda temos muitas pontas soltas para atar, no momento o mais importante para mim é conquistar meu espaço na vida de Alexandre. Isso não torna as coisas mais fáceis, pois o nosso passado, juntos, é como um elefante branco entre nós e nenhum tem coragem de falar nada sobre este assunto.

— Ele quer ser meu amigo. — Quebro o silêncio, a encarando e colocando o copo vazio sobre a bandeja na mesa de centro.

— Isso é bom, Davi — Adriana encoraja.

— Sim, é um progresso.

— Não é fácil para ele — explica. — Nando é um ótimo pai e meu filho sente que se abrir espaço, trairá esse amor. Tenha paciência!

Dói saber que outro homem ocupou o lugar que era originalmente meu, mas nem posso culpar ninguém além de mim.

— Estou tentando... — Aperto os olhos com o indicador e o polegar. — É culpa minha, se eu tivesse te dado uma oportunidade para conversarmos, as coisas talvez fossem diferentes.

Olhamo-nos por algum tempo, meu coração galopando desenfreado no peito e um bolo travando a minha garganta. Seguro sua mão encostada no braço do sofá e o toque me traz lembranças que não me sinto digno de ter.

— Me perdoa — sussurro. — Me perdoa por ter despedaçado seu coração, Dri.

Ela suspira, como se estivesse exausta, abaixando os olhos para as nossas mãos.

— Não é o momento para termos essa conversa, Davi. — A mulher não parece segura do que diz. — Vamos deixar o passado como está. Tudo bem?

Balanço a cabeça em afirmativa, no entanto, não é essa a resposta que paira em minha mente. Apesar da mágoa que Adriana guardou todos esses anos, as palavras despejadas em cima de mim no restaurante, a carta de mamãe mudou alguma coisa nela, embora não admita ainda.

— Nós dois cometemos erros — ela diz, virando a palma da mão e nossos dedos se entrelaçam, quase que de modo involuntário. — Não acho

justo mexermos em velhas feridas, agora. Você me pediu uma chance para conhecer o nosso filho e a tem, não desperdice.

— Entendi, Dri. — Solto um suspiro longo e olhos os quadros dispostos à minha frente. — Construiu uma linda família...

— Sim. — Ela desliza as mãos pelo shorts, enquanto ri. — Esses garotos são a minha vida e se eu pudesse voltar no tempo, provavelmente cometeria os mesmos erros.

Sorrio e balanço a cabeça, pois certamente eu também faria.

— Depois que conheci Alex, percebi que existem coisas que simplesmente não podem ser alteradas, por mais que a gente tente — digo, encarando o teto. — Preciso ir, Dri, marquei de jantar com o Otávio e está dando a minha hora.

— Alex, venha se despedir do Davi — ela grita, sem aviso, daquele jeito que as mães fazem, e tenho um sobressalto.

O garoto mais novo aparece no corredor.

— Meu irmão disse que está ocupado. — Ben baixa o tom. — Ele só tá jogando mesmo.

— Volte lá e fale para o seu irmão, que se ele não vier se despedir do Davi, pode esquecer internet pelo resto da semana. — Adriana usa um tom incisivo e o filho faz uma careta, antes de sumir novamente.

— Não precisa fazer isso, ele não me conhece e estou cansado de impor minha presença. — Se aprendi algo nos últimos dias, é que não dá para forçar ninguém a gostar de você, nem mesmo se houver laços sanguíneos.

— Nem é essa a questão. — Ela dá de ombros. — Mesmo que Alex não te aceite ainda, eu ensinei meus filhos a serem educados com as

pessoas...

— Sim, mamãe? — Alexandre vem até nós, sem esconder o tédio.

— Davi está indo embora. — Dri olha para mim e ele me ignora.

— Então, tchau! — O garoto dá meia-volta e antes que chegue ao corredor sua mãe levanta do sofá, pronta para lhe dar uma bronca.

Fico de pé e seguro o braço dela, antes que possa dizer qualquer coisa.

— Deixa *ele* ir... — sussurro, um tanto desapontado.

— Desculpe por isso, normalmente ele não é assim — diz, sem graça.

— Já vou *indo*. — Marcho rumo à porta e ela me acompanha.

Enquanto passamos pelo jardim, tento não pensar nos poucos dias que faltam para que eu volte para a vida que construí longe daqui, mas é inevitável, e o meu peito se comprime. Paramos na frente do portão, num impulso toco seu rosto e a vejo fechar os olhos.

— Queria que as coisas fossem diferentes, Dri — declaro, saudosos.

— Eu também, Davi. Acredite! — Os olhos magníficos encontram os meus, fazendo o coração bombear o sangue mais rápido. — Porém a vida é muito injusta.

Aproximamo-nos devagar, seu perfume preenchendo tudo e fico tentando sentir novamente o seu sabor, meus lábios se encostam à pele macia da sua bochecha, apesar do magnetismo que nos atrai, sei que não é o momento para isso, então sussurro:

— Obrigado, por me dar uma chance de conhecê-lo, mesmo que eu

não mereça. — Ela arruma os cabelos nervosamente, como se ainda fosse aquela garota por quem me apaixonei.

— Só fiz o que deveria, depois de ler aquela carta. — Ela olha para o alto, como se procurasse as palavras certas. — Apesar de ela não anular as atitudes que você tomou.

— Eu queria poder mudar tudo, sabe?! — Hesito, fechando os lábios em uma linha. — Talvez ficar mais tempo aqui com ele, mas o dever me chama e preciso voltar para a vida que eu deixei para trás.



Capítulo 4

Graças ao bom Pai, hoje é sexta e preciso de uma bebida para relaxar, depois de uma semana tensa de trabalho. No caminho até o bar, verifico as mensagens do celular, peço à Dri para avisar ao Alex que hoje não vai dar para fazer o nosso programa habitual.

Descobri um jeito para deixar de ser ignorado pelo meu filho durante os últimos meses, mas não posso dizer que a nossa relação evoluiu tanto assim, no máximo, somos parceiros de jogo e trocamos dicas de como desbloquear algumas fases legais. Sim, eu cheguei a esse nível! Depois de vê-lo mencionar o tal Fortnite vezes demais, resolvi pesquisar sobre o que se tratava e acabei um tanto viciado nesse jogo.

Nesses seis meses, consegui visitá-lo em dois feriados prolongados, mas sem muita conversa, porém, nos últimos dias tenho o sentido mais aberto a falar sobre outras coisas fora do universo que normalmente falamos. O aparelho vibra no bolso, assim que encontro meu colega de trabalho, Marcos pede um chope para mim, enquanto me sento ao seu lado, tirando o celular para ver a mensagem de Adriana.

“Você precisa relaxar um pouco, não dá para ser o superpai o tempo todo, Davi. Divirta-se.” Ouço o seu áudio e começo a rir involuntariamente.

— A loirinha te pegou de jeito, hein, amigo?! — Marcos fala, bisbilhotando o meu celular por cima do meu ombro.

— Por que diz isso? — Finjo desinteresse e guardo o aparelho no bolso, dando um gole generoso na cerveja.

— Sua cara não nega. — Ele usa um tom debochado. — Até quando vai fingir que não está caidinho por essa mulher?

— A Dri faz parte do passado, Marcos — desconverso, sentindo uma pontada de culpa. — A vida infelizmente não foi lá muito generosa com a gente, o foco é o meu filho.

— E como anda a sua aproximação com o garoto? — pergunta, interessado.

— Na mesma. — Não escondo o desânimo em minha voz. — Às vezes, penso que o melhor seria desistir. O Alex já tem um pai e deixou bem claro que não precisa de outro.

— Não pode desistir, Davi. — Ele me olha com ar de quem é especialista no que diz. — Já passei por algo semelhante, e me arrependo todos os dias de ter aberto mão da minha filha, foi a pior decisão que tomei em toda a minha vida. Tudo bem que eu era um babaca inconsequente, mas você ainda tem a chance de consertar as coisas.

— Como posso fazer isso? — indago, confuso, conheço a história dele e sei o quanto se lembrar disso o abala.

— Sugiro que lute pelo amor do seu filho, não importa se ele acha que já tem um pai — Marcos gesticula, enquanto fala. — Carinho e amor, nunca são demais, tenha certeza de que um dia Alex ainda irá te agradecer por isso.

— Está me dizendo para competir com o homem que o garoto conhece a vida toda?

— Não, seu idiota! — Meu amigo ri, sem humor. — Estou dizendo para se tornar cada vez mais presente na história dele, nem que para isso você

tenha que esquecer, por ora, alguns dos seus objetivos. Talvez, estando perto de Alex, consiga aos poucos conquistar o seu próprio espaço, ao invés de tomar o lugar do Nando na vida do seu filho.

— Quer que eu volte para aquela maldita cidade? — pergunto, incrédulo, há tantas coisas que me prendem onde estou hoje.

— É o que deveria fazer, o mais rápido possível, caso não queira continuar sendo um estranho para o garoto — ele finaliza, erguendo o copo em um brinde imaginário.

Marcos soa um tanto amargo, porque há alguns anos ele renegou uma filha, na época, considerou um acidente de percurso e colocou a culpa toda na mãe, como se ele não fosse necessário para que a garota tivesse sido gerada. Anos depois, se arrependeu, mas aí já era tarde demais, pois a mãe da menina fez de tudo para mantê-lo longe, inclusive, se mudou para fora do país e, por ter rejeitado a criança, meu amigo nem ao menos tem o seu nome no registro de nascimento dela. Essa mágoa o acompanha o tempo todo.

— Talvez você tenha razão, Marcos.

— Claro que tenho! — diz, rindo. — Um dia ainda vai me agradecer por todos esses conselhos que dispenso para você sem cobrar absolutamente nada.

— Não sei, não — Balanço a cabeça, ainda pensando no que ele sugeriu.

— Reflete comigo, Davi. — Ele passa o indicador pela borda do copo. — O que é mais importante para você hoje? A sua carreira ou o seu filho?

Óbvio que o meu filho é mais importante que qualquer coisa neste

mundo, mesmo que tenha sido um imbecil antes, preciso arrumar as coisas. Tentar, já é um ótimo começo, ao menos depois não vou me lamentar por isso, tenho que me agarrar a oportunidade que a vida está me oferecendo outra vez.

Ficar lamentando não vai me levar a nenhum lugar e, no fim, ainda vou estar frustrado por não ter feito o que deveria. Se eu quero ter um futuro ao lado de Alex, devo tentar agora.

Estar nesta cidade outra vez ainda é desconcertante, porque vários lugares me lembram de coisas que achei terem ficado no passado e uma deles é a praça onde me encontro agora. Encaro a igreja imponente, me lembrando, saudoso, das vezes em que Dri e eu nos encontramos aqui, anos atrás.

Olho impaciente para o relógio, esperando dar a hora para buscar meu filho na escola, desde que voltei, há dois meses, estou mais presente na vida dele, sem tentar forçar minha presença. O processo até eu conseguir a licença não remunerada de dois anos da qual tinha direito pelo tempo de concurso, demorou quase três meses para sair e durante esse tempo eu juro que tentei não surtar.

Alexandre está mais aberto a conversar, além das dicas do jogo, já me conta de forma espontânea coisas sobre seu dia a dia, não fico perguntando e ele nem faz aquelas caras e bocas quando nos encontramos. No fim, Marcos tinha razão, estar perto dele agora é essencial, mas observei que o garoto se sente culpado por gostar de mim e é por essa razão que hoje o nosso programa vai ser um pouco diferente.

Quando o relógio marca a hora da saída dele, estou parado na frente do portão da escola.

— E aí, Davi — ele me cumprimenta, com um soquinho. — Beleza?

— Tudo beleza. — Agora ele me trata como seus colegas da mesma idade. — Podemos ir?

Vamos até a lanchonete preferida dele, onde a pessoa com quem marquei já nos espera, achei que precisávamos de uma conversa de homem para homem e não quero que reste dúvida para nenhuma das partes.

— Papai? — Alex olha de Nando para mim, um tanto desconfiado. — O que você está fazendo aqui?

— Oi, filho, o Davi me procurou e achamos que nós três precisávamos ter uma conversa definitiva. — O homem bem vestido bagunça os cabelos do garoto em um gesto carinhoso. — Não quer se sentar? Já pedi aquele sanduíche que você adora.

— Obrigado por vir. — Aceno para Nando.

— Se é pelo bem do Alex, eu faço qualquer coisa — ele diz, com um sorriso amigável.

Dias atrás, eu o procurei, precisava acertar algumas coisas e o nosso passado não era lá tão bonito. Nando era o rapaz com quem a família de Dri queria que ela se casasse e, por um tempo, eu fiz marcação cerrada na amizade que tinha entre eles, só que relaxei, confiante no amor da minha namorada, então, fui embora e todas aquelas coisas aconteceram, corroborando para as minhas suspeitas infundadas.

Apesar do que fantasiei, o homem não é ruim e só o fato de ele ter criado meu filho como se fosse seu, já faz com que tenha minha gratidão eterna, como eu vou lutar contra essa ligação forte que eles têm? Não dá, então tivemos uma conversa franca, confesso que no início foi tensa, pois ele

tinha medo de que eu estivesse apenas querendo brincar com os sentimentos de Alex.

Por fim, ficou claro os meus interesses e resolvemos colocar um ponto final nessa disputa que o nosso filho pensa existir entre nós. Faço o meu pedido e em seguida o deles chega, conversamos amenidades bobas.

— Alex — chamo sua atenção —, eu e o seu pai precisamos conversar com você sobre uma coisa.

Nando descansa a mão no ombro do garoto, que aparentemente não entendeu o que viemos fazer aqui.

— Filho, sabe que eu amo você, independente de termos um laço de sangue ou não — o homem começa, emocionado, capturando o olhar do menino. — Quero que saiba que sempre vou ser o seu pai. Sei que é complicado para sua cabecinha toda essa confusão que nós adultos te enfiemos...

— Não quero que deixe de ser meu pai — Alex diz, de pronto.

— Você não vai me perder, campeão. — Nando belisca a bochecha do garoto. — Mas sei que se sente culpado com a chegada de Davi na sua vida...

— Um pai que chegou de paraquedas — completo, passando as mãos pela barba por fazer. — Só que não estou aqui para competir com o seu amor pelo Nando, ele é seu pai e não posso mudar isso.

— Acho que aí no seu coração deve ter espaço para o seu pai Davi também — Nando diz, em um tom brincalhão. — O que estamos querendo dizer é que tudo bem você gostar dos dois, ninguém vai te julgar por isso.

— E nós não estamos em uma competição, Alex — complemento as

palavras de Nando, erguendo a mão para selarmos o acordo na frente da pessoa mais importante da nossa vida.

— Então, vocês são amigos agora? — Ele estreita os olhos, desconfiado.

— Não exagera, garoto — é Nando quem o responde, fingindo estar ofendido com a pergunta.

— Colegas, talvez. — Faço uma careta. — O fato é que não somos inimigos e você não precisa escolher, porque eu e seu pai estamos do mesmo lado. Beleza?

— Se é assim — Alex dá de ombros —, acho bem massa ter dois pais.

— E eu fico tranquilo em te ver sem esse peso todo nas costas — Nando revela, estreitando-o em um abraço. — Desculpa não ter tido essa conversa contigo antes, filho.

O garoto ri e solta um suspiro, como se estivesse realmente aliviado por nos ver levantando a bandeira da paz, mesmo que o conflito só tenha existido na cabeça dele.



Capítulo 5

— Ben, você pode sair de cima do Davi? — Dri ralha com o garoto pegajoso, que acabou no meu colo, enquanto jogamos uma partida de Mario Bros.

— Mas, mamãe, o tio Davi *tá* só me ensinando a passar da fase do castelo. — Ele vem todo cheio de argumentos e me faz rir.

— Só que a gente tem que respeitar o espaço pessoal dos outros, meu filho. — Ela dá um tapinha na testa do menino, que nem sai do lugar.

— O Davi é meu pai, sabia, seu pentelho? — Alexandre fala, sem se dar conta do que suas palavras causam em mim e finjo não perceber. — Ele devia era me ajudar e não você.

— Oxe e daí, ele é meu tio — o pequeno diz, cruzando os braços. — Ele não pode ser meu pai também, mamãe?

— Benjamim, nós já tivemos essa conversa antes — a mulher diz, um pouco constrangida.

— Não é justo o Alex ter dois pais e eu ter só um. — Agora o menino parece realmente chateado.

— Que invejoso — o irmão mais velho retruca. — Davi é meu pai, oras. Tudo que eu tenho, você quer ter também, eu hein?!

Eles iniciam uma pequena discussão e sou incapaz de falar qualquer coisa, pois ainda estou preso à admissão do meu filho de que sou seu pai.

— Mamãe, o Alex *tá* implicando comigo — Ben choraminga,

manhoso, ainda no meu colo.

— Olhe, vocês não me metam nas confusões que inventam. Acho que estão precisando ir para cama, já que começaram a brigar — Adriana ameaça, e eles desistem da pequena confusão.

Continuamos a jogar por mais algumas horas, tenho passado bastante tempo com esses dois brigões. A intenção era me aproximar do meu filho, mas Benjamim veio de brinde e não tive o direito de recusar esse presente que a vida jogou no meu colo. Depois da conversa com Nando, senti que a minha relação com Alex evoluiu bastante, porém, não o suficiente para que me chame de pai.

Noto que não fica desconfortável quando perguntam sobre nosso parentesco e posso dizer que me sinto feliz com toda essa proximidade. Adriana tem me apoiado bastante desde que cheguei há seis meses, mas ainda não conversamos sobre o passado.

Podemos nos considerar amigos, conversamos sobre várias coisas e, de certo modo, é como nos velhos tempos. Só que quando nossos olhares se cruzam furtivamente, sinto meu coração bater em disparada, é fato que essa mulher ainda mexe muito comigo.

— A pizza chegou, vocês vão ficar aí jogando ou vamos comer? — A voz dela me tira dos devaneios.

Benjamim pula do meu colo na velocidade de um cometa e totalmente desinteressado no jogo.

— Eu quero é comer, porque eu tô muito cansado — diz, indo na direção da caixa sobre o aparador.

— O que tem a ver a sua fome com o cansaço, Ben? — Adriana

pergunta, rindo.

— *Uai*, mamãe, eu fico com fome e isso deixa a gente cansado — ele responde, com um ar sabidão e começo a rir.

— Só você mesmo para ter essas explicações sem pé nem cabeça, garoto. — A mulher balança a cabeça, rindo também. — Davi e Alex, nem pensem que vão comer aqui no meu tapete caro.

— Tudo bem. — Levanto e coloco o controle sobre o console. — Quer ajuda?

— Só coloca essa criançada para lavar as mãos, enquanto arrumo a mesa. — Ela pisca para mim e some com a caixa de pizza para o outro cômodo.

— Agora, é só entre nós, vamos, Alex. — Toco o ombro do garoto. — Esse jogo não vai fugir, depois você volta de onde parou.

— Só mais um pouquinho, pai — ele diz, sem me olhar, e sinto o coração falhar a batida, mas não posso dar bandeira agora.

Respiro fundo, enquanto Ben saltita ao meu redor, recupero a capacidade de falar e finjo que nada aconteceu.

— Anda, Alex! — digo, sem muita convicção.

— Já tô acabando, pai. — *De novo!*

Hoje é a *porra* do melhor dia da minha vida e eu não sou maduro o suficiente para ignorar o fato de que meu filho me chamou de pai outra vez, estaco no lugar e Ben me puxa pelo braço.

— Olha, ele te chamou de pai de novo, você ouviu? — o garoto diz, surpreso, chamando a atenção do irmão mais velho.

— Er... Saiu sem querer. — Alex coloca finalmente o controle sobre o console e evita olhar na minha direção.

— Ei — vou até ele e seguro seu queixo —, pode me chamar de pai, se for confortável para você, caso contrário, continuo sendo o Davi. Beleza? — Meu filho balança a cabeça, ainda sem graça. — Agora, vão os dois lavar as mãos, antes que a mãe de vocês fique irritada.

— Tá bom... pai. — Alexandre fala outra vez a palavra que faz meu coração saltitar de felicidade, no entanto, desta vez ela é acompanhada de um sorrisinho de satisfação.

Os meninos vão até o lavabo e fico parado no meio da sala, absorvendo o momento que acabei de vivenciar. Eu sempre quis ser pai, mas nunca achei que as emoções seriam assim, tão intensas.

— Ele me chamou de pai, Dri — confidencio, enquanto arrumamos a bagunça juntos, os garotos tomaram banho, sob protestos, mas acabaram dormindo, exaustos das brincadeiras.

— Já estava na hora, Davi — ela afirma, colocando os pratos no escorredor. — Tem mais de um ano que vocês se conheceram e tem sido muito dedicado, além de paciente. Sinceramente, não conhecia esse lado seu.

— Eu posso ser paciente — digo, com um meio sorriso e ela dá sinais de que entendeu o duplo sentido contido na frase.

Até onde sei, ela não tem um namorado todo esse tempo e olha que não é por falta de homem, porque com a beleza dessa mulher, tenho certeza de que os marmanjos ficam babando em cima dela. Dri é festeira, adora ir para a balada com as amigas e pode ser que ela dê suas escapadas, mas ela é

livre para fazer o que quiser e admiro essa alegria de viver que emana pelos seus poros.

— Posso ver — ela responde, sem me olhar. — Fico muito feliz que esteja conquistando nosso filho, Davi. A vida foi muito injusta com vocês dois e acho que merecem essa oportunidade de estarem juntos.

— Obrigado por me apoiar. — Encosto na bancada da pia e a encaro. — Eu sei que as coisas não acabaram tão bem entre nós e que essa foi uma decisão extremamente altruísta, Dri. Você continua sendo a mulher incrível por quem me apaixonei perdidamente.

Seu rosto fica vermelho e ela seca as mãos no pano de prato, tentando disfarçar, em seguida se encosta à bancada como eu.

— Nos machucamos demais, Davi — lamenta. — Você ficou diferente do que eu imaginava, sabe?!

— Ah, é e como você me imaginava? Posso saber? — Arqueio a sobrancelha, fitando-a, intrigado.

— Sei lá, só um babaca que partiu meu coração e nunca mais quis saber o que aconteceu depois — ela diz, por fim.

A sua resposta franca faz com que o ar falte, eu sempre achei que tinha sido traído e nunca pensei que ela pudesse ter sofrido com o nosso rompimento mal explicado.

— Me perdoe... — sussurro, cheio de culpa.

Ela desperta de repente e começa a guardar as louças nos armários, sem dar uma resposta, e isso me irrita, faz mais de um ano que Adriana está fugindo dessa conversa e alguma coisa me diz que hoje é um bom dia para finalmente colocarmos isso em pratos limpos.

Seguro seu braço, puxando-a para mim, nossos corpos se chocam e quase posso sentir as faíscas estalando entre nós.

— Quando vai me dar uma chance, Dri? — pergunto, perto demais, encostando o nariz nos seus cabelos e inalando o cheiro adocicado dela.

— Não dificulte as coisas. — Ela usa um tom nervoso e a sinto inclinar a cabeça para trás quando meu nariz toca seu pescoço.

— Acha que não merecemos um novo começo? — sussurro em seu ouvido, segurando-a pela cintura, sentindo todo o meu corpo vibrar em resposta ao toque.

— As coisas não deram certo entre nós, é melhor deixar como está — ela fala, sem nenhuma convicção em suas palavras.

— Diz isso olhando nos meus olhos — peço, segurando o seu queixo e quando nossos olhares se encontram, sei que estou perdido outra vez. — Diz que não sente essa mesma atração que me puxa para você, feito um maldito ímã.

— Não posso. — Seu tom é quase inaudível.

— O quê, Loirinha? — Toco seus cabelos e ela fecha os olhos, como se estivesse embriagada. — Fala que é indiferente, que não sente nada, Dri.

— Não. — Ela agora me encara, séria. — Não posso dizer isso, Davi.

— Por quê? — indago, com uma pontada de medo de sua resposta.

— Porque passei esses anos todos me culpando por amar um homem que me abandonou no pior momento da minha vida...

— Queria ter feito tudo diferente. — Acaricio seu rosto e uma

lágrima escorre.

— Eu sei que sim — ela diz baixinho, pressionando a mão contra o peito. — Por mais que eu tenha tentado esquecer essa droga de sentimento, você ficou enraizado aqui, me impedindo de continuar a minha vida como eu merecia ter feito.

— Está me dizendo o que exatamente? — Sinto o coração batendo a mil por hora.

— Que nunca deixei de te amar, seu idiota, insensível de uma figa... — Tomo seus lábios em um beijo, impedindo-a de continuar.

Suas mãos entrelaçam em meu pescoço, sua língua invade a minha boca e seu gosto se espalha por toda parte, sou incapaz de raciocinar direito, tendo essa mulher em meus braços. Mordisco seus lábios, distribuo beijos pelo seu maxilar, enquanto ela arfa, perdida entre as sensações. Ataco sua boca novamente, pegando tudo que me pertence.

— Eu estive esse tempo todo morrendo de vontade de fazer isso — sussurro, quando nos afastamos, ofegantes, e encosto a testa na dela.

— Você continua o mesmo cretino gostoso — ela diz, com a respiração entrecortada. — E, pelo visto, eu continuo a mesma vendida de sempre.

Rimos juntos, porque eu sempre venci as nossas brigas jogando sujo com ela que, aliás, caía feito um patinho nas minhas armadilhas. Acaricio seu rosto, ainda sem acreditar no que ouvi sair de sua boca, ainda há pouco.

— Não é nenhum pouco justo que me ganhe assim tão fácil, Davi. — Ela dá um soco leve no meu peito.

— Estou há mais de um ano tentando ter uma conversa decente

contigo — argumento, segurando seu punho. — De fácil, você não tem nada, Loirinha.

— Eu precisava saber se havia realmente mudado ou se era apenas um truque — responde, fazendo um muxoxo.

— E a que conclusão chegou?

— Não está representando nenhum papel e continua com uma pegada muito boa. — Ela ri quando termina a última parte.

Estreito-a entre meus braços, espalmando as mãos em suas costas, subindo até o pescoço, sua boca entreaberta é um convite delicioso à perdição e sou incapaz de ficar só admirando. Sugo seus lábios, lambo, mordo e enfio a língua na sua boca, explorando e tomando posse do que é meu. Seguro seu rosto entre as mãos e mergulho com tudo em todas as emoções que essa mulher me causa.

— Eu quero tanto fazer diferente, Dri — sussurro, ofegante, em seus lábios. — Me dá uma chance, Loirinha? — Acaricio seu rosto corado, deslizando os dedos pelos lábios inchados e quando nos fitamos, tento demonstrar através do gesto que farei o impossível para não cometer os mesmos erros.

— Promete que não vai fugir de mim, quando tivermos alguma desavença? — Ela toca meu rosto. — Não somos mais tão jovens para ficar brincando de gato e rato, Davi.

— Prometo, Dri. — Seguro sua mão, a puxando para os meus lábios.

— Então, você tem a sua chance. — Ela me beija, como se quisesse saciar algum tipo de fome louca, depois se afasta, devagar. — Só porque eu estava com saudade de como erámos antes de tudo.

— Vamos ser melhores, você vai ver. — Seguro seu rosto entre as mãos e nos fitamos por um momento. — Eu te amo, Loirinha. Sempre foi a dona do meu coração e no que depender de mim, vai continuar sendo pelo resto da vida.



Epílogo

Sete anos depois...

A vida não tem um botão de reset, foi isso que descobri ao longo dos anos, tendo que conviver com as escolhas que fiz, no entanto, ela nos dá todos os dias a oportunidade de aprender com os nossos erros e fazer tudo melhor. Foi assim que aconteceu comigo, depois de anos de frustrações, consegui recomeçar e construí uma linda família ao lado de Adriana.

Um pouco depois de acabar a minha licença de dois anos, passei em primeiro lugar em um concurso aqui na cidade, antes disso, acabei trabalhando por um período na administração da loja de material de construção dos meus sogros, enquanto esperava ser chamado para trabalhar como assistente social, que é a minha área de formação. Finalmente fiz as pazes com o meu passado e com esta cidade, que já foi sinônimo de ódio para mim, foi aqui onde encontrei a felicidade e não posso me esquecer disso, nunca.

Hoje, precisamente, é o nosso aniversário de casamento, cinco anos escrevendo uma nova história ao lado dela e das nossas crianças. Não vou dizer que foi fácil e que é tudo como nos contos de fadas, porque as coisas não são bem assim na vida real, a gente briga por bobagem, se estressa com os filhos, culpamos um ao outro pelas louças sujas ou a casa bagunçada e não há nada de errado nisso, porque somos seres humanos imperfeitos e tudo bem.

Sentado no sofá da sala, aguardando enquanto Dri prepara alguma coisa que não posso descobrir antes da hora, encaro as fotos espalhadas pelo nosso mural da felicidade. Levanto-me para olhá-los mais de perto, são registros dos momentos importantes para nós: aniversário dos garotos, viagens, passeios, jantares com os amigos...

Paro um momento na coluna mais recente, o nascimento de Ana Júlia, deslizo os dedos pela foto da minha pequena com o coração explodindo de amor.

— Parece que foi ontem que a pegamos no colo pela primeira vez — Dri fala, logo atrás de mim, tirando-me das lembranças.

— Já faz dois anos... — Enfio as mãos no bolso da calça jeans e me viro na direção da voz dela e o ar foge dos meus pulmões por um breve momento.

Adriana segura uma taça de vinho e usa um vestido esvoaçante, esses de verão com uma fenda que deixa suas pernas torneadas à mostra, sinto meu corpo inteiro reagir a ela, como se estivesse sendo puxado por um ímã.

— Toda essa produção é só para mim ou vamos a algum lugar? — indago, puxando-a para mim.

— Hoje eu quero aproveitar a nossa folga dos filhos, aqui mesmo, onde recomeçamos. — Ela entrelaça os braços pelo meu pescoço e o seu perfume me invade.

As crianças estão com os avós maternos e acho justo comemorarmos nosso quinto aniversário aqui, nesta casa, que nos traz tantas lembranças boas.

— Nem posso reclamar disso, Loirinha. — Deslizo os dedos pelos seus cabelos. — Você está muito gostosa e eu preciso desfrutar do que a vida me deu.

Deslizo as mãos pelo tecido fino do vestido, apertando sua bunda contra mim, que estou tão duro quanto uma pedra, com a simples insinuação que ela fez, tiro a taça de suas mãos a colocando sobre o aparador e seguro seu pescoço, atacando a boca carnuda que tem o poder de me tirar do eixo todas as vezes que nos tocamos.

Caminhamos sem rumo pela sala, devorando um ao outro em uma fome insana, até que Dri me empurra para o sofá, onde caio sentado e em seguida ela senta por cima de mim, a fenda revelando o caminho para o meu paraíso particular, espalmo a mão em sua bunda e ela se esfrega sobre minha ereção.

— Que fogo, Loirinha! — sussurro, apertando os seios deliciosos entre as mãos, me dando conta de que ela está sem sutiã, mordisco o bico por cima do tecido fino e a ouço gemer, inclinando a cabeça para trás.

— A culpa disso tudo é sua — ela diz, com a voz rouca e cheia de tesão. — Quem manda ser assim, tão bom de cama — sussurra, desabotoando a minha camisa social.

Nossas mãos são uma confusão e estão por toda parte, tocando, provando e causando um alvoroço por onde passa. Os beijos molhados, misturados ao cheiro adocicado que exala dela me deixam maluco, desato o laço do vestido, a deixando apenas em uma calcinha sexy do *caralho*.

Ela sorri diabolicamente quando abre a minha calça, levando a cueca junto, e o membro duro brilhando com a lubrificação a convida, ansioso. Sua boca aveludada envolve meu pau, fazendo-me gemer de prazer, enquanto

chupa, suga e se lambuza, fico fascinado observando a imagem mais erótica que um homem pode ter.

— *Porra*, Loirinha, assim eu não aguento — resmungo, rouco, quando ela massageia as minha bolas.

Estou a dois passos de alcançar as nuvens, quando Dri para de repente, me encarando com um olhar sacana, depois se posiciona, segurando o meu pau e encaixando-o em sua entrada.

— Ah... Davi... — Ela geme meu nome, segurando o seio esquerdo, enquanto rebola, encontrando um delicioso jeito de me torturar.

Seguro firme sua cintura, começando uma dança diferente, estocando forte e duro, até que ambos estejamos satisfeitos, suados, ofegantes e exaustos.

— Você nem sabe brincar, amor. — Adriana ri, deslizando os dedos sobre o meu peito. — Eu só vim te chamar para gente jantar.

— Olha quem fala. — Deslizo os dedos pela linha do seu queixo, a puxando para um beijo rápido. — Eu te amo, sabia?

— Não mais do que eu — ela sussurra.

Uma alegria me invade, mas sei que não é momentânea. A felicidade que estou vivendo agora é fruto das escolhas que fiz nos últimos anos e não me canso de agradecer aos céus pela oportunidade de poder aprender com os erros cometidos.

— Você e as crianças, foram as melhores coisas que aconteceram na minha vida, Loirinha.

Ainda não consigo acreditar que realmente alcancei todos os meus sonhos e, principalmente, ser um pai presente na vida dos meus filhos.

Sobre a Autora

Crys Carvalho é uma paraense apaixonada pelo mundo dos livros desde a infância. Fascinada por romances clichês com finais felizes, começou a escrever como um meio de viajar por universos criados por ela mesma e, por fim, decidiu compartilhar com algumas leitoras, que a receberam de braços abertos.

Facebook: <https://www.facebook.com/CrysCarvalho07>

Instagram: <https://www.instagram.com/cryscarvalho007/>

Wattpad: <https://www.wattpad.com/user/CrysCarvalho>

Amazon: <https://amzn.to/3fM95Ya>